

**OS DILEMAS DA PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA:
Os (des)caminhos da Social-democracia alemã na Segunda Internacional**

Fernando Silva dos Santos*

Pedro Alberto Vicente de Oliveira**

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a influência da Social-democracia alemã na história do movimento operário no período da Segunda Internacional (1889-1914), a importância da difusão da teoria marxiana na formulação das estratégias da luta da classe trabalhadora e o debate interno entre seus expoentes teóricos acerca dos dilemas suscitados pela prática revolucionária. Essa análise tem como ponto de partida os efeitos da ascendente trajetória do Partido social-democrata alemão (SPD) e da concepção das idéias do que conhecemos como Marxismo da Segunda Internacional.

Palavras-chave: Social-Democracia; Socialismo; Segunda Internacional; Movimento Operário.

ABSTRACT

The objective of this paper analyzes the influence of the German Social-democracy in the history of the labor movement in the period of Second International (1889-1914), the importance of the diffusion of the Marxist theory in the formulation of the strategies of the struggle of the working class and the internal debate among your theoretical exponents concerning the dilemmas raised by the revolutionary practice. That analysis has as starting point the effects of the ascendancy path of German social-democratic Party (SPD) and of the conception of the ideas of what we know as Marxism of Second International.

Keywords: Social-democracy; Socialism; Second International; Working movement.

*“O mar da história é agitado
As ameaças e as guerras haveremos
[de atravessá-las
Rompê-las ao meio, cortando-as
Como uma quilha corta
[as ondas.”*

Maiacoviski

* Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado de Mato Grosso, Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de História, Direito e Serviço Social (Franca – SP).

** Aluno do curso de Bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

A social democracia alemã – devido ao seu grau de organização – assumiu naturalmente o posto de liderança da Segunda Internacional e com isso, a responsabilidade de responder às questões do movimento operário diante de uma nova forma de capitalismo, ou seja, interpretar as mudanças sociais, científicas e tecnológicas, as quais refletiam em todo o conjunto da sociedade no final do século XIX e início do Século XX.

Nesse contexto, percebemos a inegável influência do pensamento marxiano sobre toda uma série de intelectuais socialistas, quadros do partido social-democrata alemão, parte da própria ciência burguesa e, até mesmo, sobre o processo político de transformação da classe operária na Europa do século XIX. No entanto, essas influências tornaram-se mais visíveis a partir do final da década de 1870. Sobre o tema, o sociólogo Oskar Negt nos explica:

Uma difusão significativa e uma reelaboração teórica do marxismo só começaram por volta do final dos anos 70 do século passado. Na Alemanha, é a época das leis anti-socialistas, quando o número dos membros e dos eleitores do partido social-democrático aumenta até assumir proporções imponentes; na Europa, vê-se a formação de toda uma série de novos partidos social-democráticos e o movimento sindical realiza grandes avanços. (NEGT, 1982: 126)

A crescente importância e participação política e parlamentar da classe operária tornaram-se fundamentais para a sua organização como classe e reconhecimento como tal. Contudo, a relação do movimento operário e a teoria socialista, sobretudo a teoria marxiana, desenvolveram-se de forma independente e contraditória, pois, a base material exerceu uma fundamental importância no desenvolvimento teórico. Porém, a teoria, por sua vez, não foi o que determinou esse movimento.

No entanto, como analisar as influências da participação da classe operária e de seus representantes no Reichstag e como a participação nos mecanismos institucionais contribuiu para as alterações no movimento da consciência da classe operária?

Para compreender melhor esse movimento, as pistas de Marx no *Prefácio à Contribuição à crítica da economia política* são preciosas, “não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas pelo contrário, o seu ser social é que determina sua consciência”. (MARX, 1980: 301)

Podemos observar isso através do desempenho do próprio Partido social-democrata alemão (SPD), que mantém sua trajetória ascendente, mesmo depois de criada a lei de exceção contra os socialistas, entre os anos de 1878 e 1890, a *kulturkrampf*, no período do chanceler Bismarck.

Quadro 1: A evolução eleitoral do Partido Social-democrata alemão (1871-1912)

Ano	Votos	Porcentagem de votos	Nº de Deputados
1871	124.000	3,3	2
1874	351.000	6,5	10
1877	493.00	7,1	13
1878	473.00	7,69	9
1881	311.000	6,1	13
1884	549.000	9,7	24
1887	763.000	10,9	11
1890	1.427.000	19,7	35
1893	1.786.000	23,28	44
1898	2.107.000	27,18	56
1903	3.010.00	31,7	81
1907	3.258.000	28,9	43
1912	4.250.000	34,8	110

Fonte: CARONE, Edgard. *A II Internacional pelos seus congressos. (1889-1814)*. São Paulo: Edusp, 1993.

Sem sombra de dúvidas, o período que compreendeu o último quartel do século XIX, foi responsável pela difusão da teoria marxiana, que estava sendo elaborada desde o período da Liga dos Comunistas devido à influência crescente que Marx e Engels exerceram sobre o processo de organização política da classe operária.

Essa influência ganhou impulso através da Associação Internacional dos Trabalhadores (1864-1872), que em seu período de atividades, objetivou a cooperação entre as organizações da classe trabalhadora dos diversos países da Europa Ocidental e teve suas atividades comprometidas após a derrota da Comuna de Paris. Outro fator foi “a fragmentação e o choque entre seus representantes, sobretudo marxistas e anarquistas.” (BOTTOMORE, 2001: 96).

A Segunda Internacional foi fundada efetivamente no Congresso Internacional de Trabalhadores em julho de 1889 em Paris. Teve sua base essencialmente formada no movimento dos trabalhadores europeus, numa grande diversidade ideológica. Sobre o assunto, Marek Waldenberg nos relata:

Mesmo quando a fonte de inspiração ideológica delas era estranha ao marxismo, como o anarco-sindicalismo influenciado pelas idéias proudhonianas, não renunciaram geralmente a se dizer ligado também ou, sobretudo à Marx. (WALDENBERG, 1982: 223-224).

No interior da organização durante este período, podemos identificar algumas tendências que começaram a ganhar força, são elas: a marxista ortodoxa, que possui a obra de Karl Kautsky inclusa, assim como, a contribuição de August Bebel; a revisionista que tem como principal expoente o autor Eduard Bernstein, que em seus artigos publicados no *Die Neue Zeit*² procurou rever os aspectos que considerava como superados, dogmáticos, não científicos ou ambíguos do marxismo; a ala sindicalista revolucionária, que surgiu originalmente no âmbito do socialismo francês; e por último a *Neue Linke*³, considerada como a esquerda que se formou nos anos de 1910-1914 dentro da social-democracia alemã, tendo como principal liderança Rosa Luxemburgo.

Ainda sobre a divulgação da teoria marxiana no período da Segunda Internacional, outra polêmica é levantada, como a própria denominação “Marxismo da Segunda Internacional”.

Para Franco Andreucci em *A divulgação e a vulgarização do marxismo*, nos lembra que:

É difícil dizer quando e onde surgiu a expressão ‘marxismo da segunda internacional’, mas não estaremos longe da verdade se supusermos que a origem dela está nos anos da primeira guerra mundial. (ANDREUCCI, 1982: 16)

O rompimento de Lênin com a Internacional – que ainda não se chamava Segunda – nos fornece pistas de como se iniciou a hierarquização da organização, que após 1914 passasse a ser mencionada tal como conhecemos hoje.

O período que se seguiu entre a Terceira Internacional, ainda não concebida, mas já convocada, e a Primeira, cuja origem, mencionamos *an passant*, delimitou no tempo e espaço o início de uma polêmica teórica que se iniciou no movimento operário internacional e entre seus dirigentes.

Entre críticos e defensores do período da Segunda Internacional, encontramos em Lênin, numa referência feita em um texto de 1913 sobre as profundas modificações na linha e orientação política, na qual o movimento operário estava envolvido:

² Revista teórica da social-democracia alemã que foi publicada em Stuttgart de 1883 a 1923

³ Nova esquerda

Por toda parte estão se formando partidos socialistas, de base proletária, que aprendem a se servir do parlamentarismo burguês, a criar sua imprensa cotidiana, suas instituições educativas, seus sindicatos, suas cooperativas. A doutrina de Marx alcança uma vitória completa e se difunde em extensão. (ANDREUCCI, 1982: 18)

Anos depois, Lênin reformulou sua posição a respeito da Segunda Internacional, referindo-se a temas como a extensão e expansão geográfica do movimento operário, no entanto, devido ao seu embate direto contra Karl Kautsky, Plekhânov e similares, Lênin não fez referência ao marxismo. Em suas palavras:

A segunda Internacional (1890-1914) foi a organização internacional do movimento operário, que se desenvolvia em extensão, mas não sem um temporário rebaixamento do nível revolucionário, não sem um temporário fortalecimento do oportunismo, que levou ao vergonhoso colapso dela... A Segunda Internacional foi a época da preparação do terreno para a difusão ampla, de massas, do movimento, em um bom número de países. (Ibidem: 16)

Essa supressão da referência ao marxismo que Lênin adotou a partir de então, foi decorrente da distinção que o mesmo fez entre o patrimônio organizativo da Segunda Internacional e também da Social democracia Alemã em particular, acusando-a de traição e oportunismo de seus dirigentes. Essa acusação recaiu diretamente em Kautsky, no qual Lênin não poupou críticas, responsabilizando-o pela deformação do marxismo e pelo aberto repúdio ao caráter revolucionário do marxismo que algumas correntes passam a adotar.

Lênin sublinhou as conotações ideológicas das principais correntes do socialismo no período da Segunda Internacional como: os oportunistas, isto é, tanto os que partiam de premissas do revisionismo bernsteiniano como os independentes delas, que haviam desenvolvido uma política marcada pelo pragmatismo reformista; a esquerda, da qual os bolcheviques eram os maiores representantes; e finalmente, os ortodoxos, com destaque para Kautsky, que Lênin chama em *Imperialismo, estado e Revolução* de o renegado.

No interior da Segunda Internacional, sobretudo, na social-democracia alemã, o amplo debate acerca da divulgação e interpretação da teoria marxiana, a conquista de poder político, a socialização dos meios de produção e a questão da consciência de classe, seguiram caminhos diferentes. Isso é o que notamos ao analisar o desenvolvimento teórico dos três principais representantes da social-democracia no período: Karl Kautsky, Edward Bernstein e Rosa Luxemburgo.

Segundo Andreucci, houve, a partir de meados dos anos de 1930, uma pausa na reflexão histórica sobre o marxismo e grande parte dos problemas relativos ao marxismo da Segunda Internacional como: o papel de Kautsky e do kautskismo, da social-democracia alemã na derrota da Segunda Internacional, da redução do marxismo a ideologia de partido, da relativa paralisia do marxismo teórico, do suposto conúbio com o darwinismo, do positivismo que *“dá lugar a uma versão mecanicista e determinista do marxismo”*. (ANDREUCCI, 1892: 23).

A maior parte dos juízos formulados sobre o marxismo da Segunda Internacional, tal como hoje entendemos, foi retomada e amplamente discutida a partir do final dos anos de 1950, na figura de teóricos como Karl Krosch, Georg Lukács, Arthur Rosemberg e Antonio Gramsci. Ainda a respeito do marxismo da Segunda Internacional, Ernesto Ragionieri nos dá uma definição:

Por marxismo da Segunda Internacional, entende-se em geral uma interpretação e elaboração do marxismo, que reivindica um caráter científico para sua concepção da história, na medida em que indica nela o desenvolvimento segundo uma necessária sucessão de sistemas de produção econômica, conforme um processo evolutivo que só no limite considera a possibilidade de rupturas revolucionárias emergentes do desenvolvimento das condições objetivas. (Apud. ANDREUCCI, 1982: 24)

Para Ragionieri haveria um possível ponto comum entre as correntes teóricas no interior da organização.

Mas, seria possível falar em um bloco teórico coeso e homogêneo diante de um ambiente no qual o desenvolvimento das forças produtivas materiais e as condições objetivas sugeriam a necessidade de uma ação revolucionária por parte da classe operária, mas que, no entanto, parece não fazer parte dos planos das direções da Segunda Internacional, do SPD e até mesmo dos Sindicatos? O debate entre Kautsky e Lênin, Bernstein e Rosa Luxemburg, Max Adler e Plekhânov, entre outros, seria capaz de conduzi-los a um modelo unificado para a ação do movimento operário?

No entanto, não será possível abordarmos aqui com maiores detalhes as tendências concebidas no interior da Segunda Internacional e da social-democracia alemã, assim como um maior aprofundamento do seu caráter científico. Contudo, não é possível compreender os desdobramentos e as conseqüências desse período sem adentrar nesse riquíssimo terreno da história das idéias.

Por fim, essa é sem dúvida uma tarefa que necessita de uma compreensão mais abrangente das polêmicas iniciais no interior das organizações, seja a Internacional, seja o SPD e até mesmo nos sindicatos, pois sua contextualização é de fundamental importância para entendermos o movimento da história do movimento operário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDREUCCI, Franco. A difusão e vulgarização do marxismo. In: HOBSBAWN, Eric. J. *História do Marxismo*. Vol. II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BERTELLI, Antonio Roberto. *Marxismo e transformações capitalistas*. Do Bernstein-Debate à República de Weimar: 1899-1933, São Paulo: IPSO IAP 2000

_____. *Revisionismo e ortodoxia no marxismo*. São Paulo: IPSO/IAP, 2003.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

CARONE, Edgard. *A II Internacional*. São Paulo: Anita/Edusp, 1993.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991.

IASI, M. Luis. *Processo de consciência*. 2ª Ed. São Paulo: CPV, 2001.

LENIN, V. I. *O trabalho do Partido entre as massas*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

_____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

_____. *Que fazer?* Lisboa: Estampa 1973.

_____. *Sobre os sindicatos*. São Paulo: Livramento, 1979.

LUKÁCS, G. *História e Consciência de Classe*. Porto: Escorpião, 1974.

LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma social ou Revolução?* □.

_____. *Greve de massas, partido e sindicato(1906)*. São Paulo : Kairós, 1979.

_____. *A revolução russa*. Petrópolis : Vozes, 1991

MARX, K. *A Guerra civil na França*. São Paulo: Global, 1986.

_____. *O Capital - Crítica da economia política*. 3ªed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. *As lutas de classes na França*. São Paulo: Global, 1986.

_____; ENGELS, F. *Obras Escolhidas*. Vol. I e III. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

NEGT, Oscar. O marxismo e a teoria da revolução no último Engels. In: HOBBSBAWN, Eric J. *História do Marxismo*. Vol. II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

PRZEWORSKI, A. *Capitalismo e social-democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.